

DS

ARTIGO

GLIOBLASTOMA:
TUMOR CEREBRAL
MALIGNO

Na oncologia temos muitos desafios, a luta é constante, ainda mais quando nos deparamos com tumor cerebral. Esses podem ser classificados em primários (que surgem no encéfalo), ou secundários (que possuem outra origem). Hoje vou me ater a um tipo específico de tumor primário, o glioblastoma.

É um tumor agressivo, que geralmente acontece entre os 40 e 60 anos. Os sintomas podem ser simples como uma dor de cabeça, vertigem (tontura), náuseas, vômitos, convulsões, alterações na acuidade visual e até alteração na marcha (no andar). Infelizmente os fatores predisponentes ainda não são bem estabelecidos, acredita-se em fatores genéticos e irradiação prévia.

Bom, doutora, tive o diagnóstico de tumor cerebral, o que fazer? A primeira coisa é ser avaliado pelo Neurocirurgião. Esse profissional indicará ou não a necessidade de cirurgia. Depois da determinação, é necessária a avaliação do Oncologista e Radio-Oncologista.

Em relação à radioterapia, nos casos do Glioblastoma, o tratamento radioterápico é sempre indicado, porém será necessária uma avaliação de cada caso para programar o número de sessões e realizar o procedimento pré-tratamento. Esse procedimento se baseia em realizar uma máscara para correta fixação (a máscara é moldada no rosto e não causa desconforto) do paciente na mesa de tratamento, depois é feita uma tomografia de crânio de planejamento e uma ressonância de crânio para avaliação pós-operatória.

Assim que o planejamento físico (é calculada a dose e direcionada a radiação para o local correto) estiver pronto, é iniciada a radioterapia. Lembrando que a radioterapia é um tratamento indolor e os efeitos colaterais são locais, nesse caso perda do cabelo em local irradiado, dor de cabeça e sonolência são os sintomas mais comuns. Nesse período, o paciente é avaliado semanalmente para tratamento de eventuais sintomas indesejados.

Terminado o tratamento radioterápico, o paciente permanece em acompanhamento com toda equipe, assim, na presença de sintomas de dor de cabeça frequente, náuseas, vômitos ou outros sintomas mais graves, deve-se procurar auxílio médico para avaliação.

Mas se acalme, pois a enxaqueca pode causar esses sintomas e o tratamento é clínico (com medicações)!

Dra. Manoela Regina Alves Corrêa Barros - CRM 6800
| RQE 4115. Diretora Clínica e Radio-Oncologia do Hospital de Câncer de Mato Grosso

JORNAL DIÁRIO DA SERRA

Propriedade da
AJOTA

ASSOCIAÇÃO JORNALÍSTICA DE TANGARÁ DA SERRA
CNPJ: 29.464.235/0001-16

Av. Tancredo Neves - 1247 W - Parque Mansões
78302-028 Tangará da Serra-MT

ISSN 22386467

REDAÇÃO

DIREÇÃO DE JORNALISMO
Fabiola Tormes
CONTATO
ds@diariodaserra.com.br

Envie Pautas, Fotos Sugestões
e Vídeos para o whatsapp do
DIÁRIO DA SERRA
(65) 3326-4724

www.diariodaserra.com.br
www.ds.jor.br

TIRAGEM

1 MIL EXEMPLARES

CIRCULAÇÃO

Tangará da Serra, Nova Olímpia,
Barra do Bugres, Porto Estrela,
Campo Novo do Parecis,
Sapezal, Denise, Arenópolis,
Nortelândia e Santo Afonso.

CENTRAL DO ASSINANTE

(65)3326.6501

DEPARTAMENTO COMERCIAL

PUBLICIDADE ASSINATURA
PUBLICIDADE LEGAL
Associação Jornalística de Tangará da Serra - AJOTA

SERVIÇOS GRÁFICOS
E. Tormes e Cia. LTDA
CNPJ: 14.048.123/0001-07

CONTATO: adm@diariodaserra.com.br
Fone: (65) 3326-4724

Diário da Serra®

O DIA-A-DIA DA NOTÍCIA

FUNDADO EM 11 DE NOVEMBRO DE 1996

EDIÇÃO ON-LINE DESDE 06 DE SETEMBRO DE 1997

Endereço: Av. Tancredo Neves - 1247 W
Parque Mansões - CEP:78300-000
Tangará da Serra - MT - Brasil

f

www.facebook.com/jornalds

@diariodaserra

EM BARRA DO BUGRES

Seduc implementa aulas de robótica na Escola Indígena Julia Pará



Doze professores indígenas foram capacitados

Educadores foram capacitados para ensinar a nova disciplina

RUI MATOS / Seduc - MT

A união do conhecimento tradicional às inovações tecnológicas tem transformado a realidade da Escola Estadual de Educação Indígena Julia Pará, na Aldeia Umutina, na zona rural de Barra do Bugres. A unidade, que funciona em tempo integral, atende 65 estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental ao Ensino Médio que vão participar pela primeira vez, a partir de agosto, das aulas de robótica educacional.

O primeiro passo para a implantação da nova disciplina já foi dado. Doze professores indígenas foram capacitados para ministrar as aulas do programa SIMRobótica.

O secretário de Estado de Educação, Alan Porto, destaca que a escola é pioneira e servirá de modelo para ações semelhantes em muitas das 80 escolas de educação indígena de Mato Grosso, que atendem mais de 10 mil estudantes de 43 etnias.

“É uma iniciativa da Seduc que representa grande avanço para a educação e uma oportunidade única para desenvolver habilidades entre as crianças e adolescentes indígenas, por meio de uma metodologia ativa que utiliza os conjuntos da LEGO® Education”, diz.

O secretário destaca que a comunidade tem

incorporado a responsabilidade de fortalecer a educação e atuado para engajar a escola Julia Pará por entenderem que, com o SIMRobótica, tanto os educadores quanto os alunos irão aprender não apenas sobre tecnologia, mas também terão a oportunidade de desenvolver competências e habilidades para toda a vida.

“Ao unir conhecimento tradicional às inovações tecnológicas, a robótica educacional está promovendo a valorização da cultura indígena, ao mesmo tempo em que prepara os jovens para um mundo cada vez mais tecnológico e globalizado”, observa.

A diretora da escola, Eliane Boroponepa Monzilar, mestre em Desenvolvimento Sustentável para Povos Indígenas e doutora em Antropologia Social, afirma que, para a comunidade escolar, é um grande privilégio ser contemplada com o programa tecnológico. “Nos sentimos lisonjeados em sermos a primeira escola indígena a ser contemplada neste projeto, que, para nós da comunidade, é inovador e visa o desenvolvimento e o aperfeiçoamento do ensino-aprendizagem”, comenta.

Eliane diz, ainda, que os estudantes terão aulas que irão estimular o pensamento criativo, entre tantas outras habilidades e competências, como o trabalho em equipe e a cooperação. “O programa vai fazer com que eles possam exercitar o raciocínio, ter concentração, criatividade e, principalmente, ter paciência e o

conhecimento na área tecnológica. Então, isso é muito importante para a comunidade escolar. A partir desta capacitação, os educadores serão multiplicadores”, completa.

Para o professor Luizinho Ariabo Quezo, orientador pedagógico atuante na implantação na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da escola, a capacitação trouxe um grande ganho.

“No decorrer do curso, percebi o quanto foi importante essa capacitação. Como a escola é de tempo integral, os estudantes terão momentos para as montagens e de distração ao mesmo tempo”, observa o educador, que é pós-graduado em Educação Indígena e em Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural.

Fernanda Katiane, orientadora do programa SIMRobótica, conta que foi uma semana intensa de capacitação, que terminou com a apresentação dos protótipos montados pelos professores para os estudantes. “Nossa equipe foi muito bem recebida e tenho certeza que o programa de robótica será muito bem aplicado por eles. Ter acesso a esta tecnologia é desafiador”, pondera.

“A capacitação também incentiva os educadores a se tornarem agentes de transformação social dentro da comunidade onde vivem. Não queremos apenas ensinar tecnologia, mas, proporcionar conhecimentos para que todos tenham as mesmas oportunidades que as crianças e adolescentes das escolas urbanas”, finaliza Fernanda.